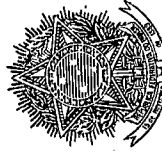


18

0331/96  
09/05/96

SERVIÇO NACIONAL DE PROTOCOLO - SENAPRO -



SP/DC/MI  
INCLUSO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

2100 1515 5 000000

STABX  
00706557/14  
09600.000531/07 08

INTERESSADO: PAULO ROBERTO RAMOS - irmão

ASSUNTO: VITOR CARLOS RAMOS  
*(desaparecido?)*

OUTROS DADOS:  
A COLHEITA. REUNIÃO dia 30/05/96  
REATOR: NILMÁRIO MIRANDA  
*CONF. 21/10/97*

CÓDIGO: NE 270 / 08 263

MOVIMENTAÇÕES						
SEQ	SIGLA	CÓDIGO	DATA	SEQ	SIGLA	DATA
01	/	/	/	15	/	/
02	/	/	/	16	/	/
03	/	/	/	17	/	/
04	/	/	/	18	/	/
05	/	/	/	19	/	/
06	/	/	/	20	/	/
07	/	/	/	21	/	/
08	/	/	/	22	VERIFICADO	/
09	/	/	/	23	CONTÁVELMENTE	/
10	/	/	/	24	12/11/97	/
11	/	/	/	25	<i>Alta</i>	/
12	/	/	/	26	Arquivado (Arquivo Único de Arquivo)	/
13	/	/	/	27	Mat. 5.013.648-6	/
14	/	/	/	28		/

AS MOVIMENTAÇÕES DEVERÃO SER COMUNICADAS AO PROTOCOLO

ANEXOS:

*Handwritten notes and signatures*

A Comissão Especial do Ministério da Justiça  
Sr. Presidente  
Dr. Miguel Reale Junior

Eu, Paulo Roberto Ramos, RG nº2.397.547, CPF 106.474.068-53  
médico, casado, na condição de irmão do desaparecido político  
Vitor Carlos Ramos, venho requerer os benefícios da Lei nº9.140  
de 05/12/95 que são a indenização e a localização dos restos  
mortais.



Paulo Roberto Ramos

São Paulo, 27 de março de 1996

P.S. Em Anexo xeros dos meus documentos pessoais, da certidão  
de nascimento do Vitor Carlos Ramos e documentos para  
historiar o requerimento.

Serviço Público Federal  
COMISSÃO ESPECIAL

Lei nº 9140/95 DESAPARECIDOS POLÍTICOS

PROTOCOLO DE RECEBIMENTO

Em 09/09/96

Fco. Heller

Servidor

Identidade n.º

54.745.391/R

\*\*\*\*\*  
\* 3 TABELADO DE NOTAS DE SAO PAULO \*  
\* JOSE JACQUES CARNEAL DE GODOY \*  
\* TABELADO \*  
\* Av. Sao Luis, 192 Terreo Loja 24 S/L 25A \*  
\* Fone: 259-6699 - Sao Paulo \*  
\* RECONHECO POR SEMELHANÇA a firma dei \*  
\* PAULO ROBERTO RAMOS \*  
\* SAO PAULO, 27 de março de 1996 \*  
\* EN TERMO DE \*  
\* \*  
\* Arminda Lopes Bastos da Silva \*  
\* Escrevente \*  
\* Reconhecimento de Firma R\$0,76 \*  
\* SELOS PAROS POR VERBA OUIS R.062 \*  
\* 15178/01663072AB010-1 \*  
\*\*\*\*\*



# Traição na fronteira

*Abel May*

Depois de vinte anos de silêncio, a busca incansável de uma psicóloga argentina traz à luz o desaparecimento de cinco ativistas políticos na região de Foz do Iguaçu. Os fatos ocorridos nos anos 70 revelam marcas de sangue e traição. Histórias como a de Alberty mostram o outro lado daqueles tempos sujos a delação entre os militantes de esquerda.



Depois de 19 anos de buéca, a psicóloga argentina Lilian Clotilde Ruggia, 38 anos, acredita que está mais perto da verdade que envolve o paradeiro de seu irmão. Enrique Ernesto Ruggia morreu em 1974, em companhia de um grupo de exilados brasileiros que tentavam voltar ao Brasil, entre eles Onofre Pinto, um dos comandantes da VPR. Informações tomadas no depoimento do ex-sargento Marival Chaves que trabalhou nos órgãos de repressão da ditadura militar dão conta que o grupo teria sido em uma cidade armada por agentes infiltrados no movimento guerrilheiro. Lilian esteve em Foz durante a semana. Aconselhada pelos componentes do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre, resolveu checar as informações do ex-ageno Marival, que faz ter certeza da morte de seu irmão na região.

Enrique Ernesto, tinha 18 anos quando desapareceu. Um pouco antes, em fins de 73, ele havia conhecido Joel Carvalho, um exilado brasileiro que acabava de chegar à Argentina, vindo do Chile, onde estivera colado até a queda de Allende.

"Nós somos originários de uma localidade que fica perto de Buenos Aires, chamada San Pedro, que abriga os cursos de Veterinária e Agronomia da Universidade. Joel havia sido convidado pelo diretor do campus, a viver ali". Conta Lilian que seu irmão tinha ideias socialistas, mas nenhuma militância orgânica em partidos ou entidades. "Mesmo assim, Gutwara, não é mesmo?".

Joel voltou a Buenos Aires Corria o ano de 1974. Lilian trabalhava e estudava. Nem dia do mês de julho, Enrique chegou ao seu local de trabalho e lhe disse que visjaria para o Brasil junto com Joel e outras pessoas.

"Me deu um beijo, disse que voltaria em uma semana ou dez dias, que iria fazer uma tarefa política e se foi. Fiquei perturbada. Eu estava num escritório público, a rua cheia de gente... Fiquei assim por um segundo. Quando retomei a ação, me largo pelas escadas, chego na rua, mas nunca mais o vi".

Comcejava assim a reprimação de Lilian após a época do irmão. Nessa época a Argentina vivia um momento político difícil. Perou havia morrido em julho e a direita peronista tomava de assalto o poder e as ruas. A organização Tríplice A, de extrema-direita, fazia suas vítimas entre estudantes e trabalhadores. Qualquer queira oficial do desaparecimento poderia ser uma delação, ainda mais envolvendo exilados. "Contei ao meu noivo que eu havia conhecido. Passamos a procurar entre os papéis de Enrique alguma pista. Encontramos vários endereços de hotéis. Recordamos todos. Mas a resposta era sempre a mesma de que não havia brasileiros ali".

O casal continuou a procurar até que, no Cecil Hotel, alugado pela ONU para abrigar exilados, depois de muitas negativas, conseguiram um contato com um brasileiro que se identificou como Jairo de Carvalho, irmão de Joel, e uma mulher que disse ser companheira de um outro irmão, chamado Daniel. Eles confirmaram que Joel, Daniel e Enrique haviam partido juntamente com outras pessoas e que provavelmente teriam vindo ao Brasil.

Lancera - Lilian relata que seus encontros com os exilados brasileiros continuaram até que Jairo mudou-se para Portugal fugindo da repressão que na Argentina re- trudesca.

Sem poder fazer qualquer queixa ao governo argentino, ela tentou as entidades de direitos humanos. "Todo mundo dizia para mim que no Brasil não estava acontecendo mais nada, que já haviam matado a todos, e que minha história era inco- sem acezo".

Conta Lilian que outro fator que dificultou muito sua procura pelo irmão foi a falta de informação das entidades argentinas da situação dos exilados brasileiros. Eram em número reduzido e estavam só de passagem. Escaparam do Chile passaram pela Argentina rumo ao México, Cuba e Europa.

Para completar o quadro, a falta de militância de Enrique deixava mais dúvidas sobre a veracidade da história

que ela contava em cada es- critório. "Quando procurava alguma informação, me olha- vam e perguntavam se eu não estava louca".

Enrique não consta dessa edição, está relacionado em entidades de defesa de direi- tos humanos como o "Dis Méis da Plaza de Mayo". Brasil - No ano de 1984, Li- lian tentou outros caminhos. Recorre ao antigo diretor do campus de San Pedro, a quem ela preferia não no- mear. Ele havia sido preso durante a ditadura militar e estava saindo em liberdade condicional Da Europa, onde tinha ido morar, ele lhe manda notícias. Conta que, solidariamente, havia estado com um exilado bra- sileiro que habitou o mesmo hotel na época e que dizia que o grupo fora integrado por Onofre Pinto, José Lavre- chia, um tal Vizcar e os dois que por essa época, tinham escutado através de uma au- dição da Avô da América,

guamos a ditadura mas não governos civis, ainda que do partido adversário. Apesar de que o livro editado pela comissão, chamado "Nunca Más", contém três ou quatro denúncias de casos anteriores à ditadura".

Apesar do nome de Enrique não constar dessa edição, está relacionado em entidades de defesa de direi- tos humanos como o "Dis Méis da Plaza de Mayo".

Brasil - No ano de 1984, Li- lian tentou outros caminhos. Recorre ao antigo diretor do campus de San Pedro, a quem ela preferia não no- mear. Ele havia sido preso durante a ditadura militar e estava saindo em liberdade condicional Da Europa, onde tinha ido morar, ele lhe manda notícias. Conta que, solidariamente, havia estado com um exilado bra- sileiro que habitou o mesmo hotel na época e que dizia que o grupo fora integrado por Onofre Pinto, José Lavre- chia, um tal Vizcar e os dois que por essa época, tinham escutado através de uma au- dição da Avô da América,

que um grupo de brasileiros havia sido abatido na frontei- ra do Brasil com o Uruguai.

Durante as férias de verão de 89, Lilian e seu ma- rido estiveram com o então presidente da OAB - Porto Alegre, Luiz Gonilart, reco- mendados por um jornalista argentino que esteve exilado no Brasil. Luiz teria se co- prometido em averiguar o ca- so, mas não encontrou ne- nhuma informação substân- cial sobre os desaparecidos. Henrique não figurava em nenhuma lista brasileira ou argentina.

No ano passado o ca- sal voltou a Porto Alegre na esperança de conseguir al- guma informação. Os jornais davam que os arquivos do Dops gaúcho haviam sido abertos. Seu advogado, no entanto, estava de férias. Através da secretaria chega- ram a outro advogado, Jair Kirschick, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre.

"Dezoito anos depois, aconteceu. Eu me arrepiava toda. Contamos para ele a nossa história. E ele disse: tenho aqui o que vocês estão

namente VPR. Era conhecido como José. Preso em outubro de 70, pela OABAN, foi brevemente torturado. Bonaio - No ano de 1973, para a Argentina.

Joel José de Carvalho - Nascido em Munaré (MG), irmão de Daniel, Operário gráfico, militante do PCB, depois do grupo Trilentes e VPR, OABAN, Bonadio jurou com o irmão para o Chile onde permaneceram até o golpe de setembro de 73. Fugiu para a Argentina.

Enrique Ernesto Ruggia - Argentino, na época com 18 anos. Estudante de Veterinária na Universidade de Buenos Aires. Apesar de ideias so- cialistas, não havia sido militante em nenhuma entidade do partido da época.

Observações: da lista que Lilian Ruggia conseguiu em conversa com o sargento Chaves, constam nomes de três irmãos, um tal Vizcar e Gilberio, irmãos de Lilian. Esses nomes não constam em nenhuma lista de desapa- recidos feita no Brasil. Há a hipótese de serem nomes falsos usados por Joel de Carvalho e Lavrechchia para entrar no Brasil, já que, segundo o depoimento de Idalvina Pinto, o grupo era formado por cinco pessoas.

Quero detalhar esse caso: as irmãs do Dops do Paraná, de Daniel e Joel de Carvalho, assim como de Onofre, contaram informações após a data de seu desaparecimento. Em todos os procedimentos então vivenciados no exterior. Com essas informações falsificadas na fi- chas. Mas por quê? Os órgãos de segurança poderiam ter a possibilidade de arquivar em "idos errados"? Ou não e os que regressaram também haviam regressado nem sempre comparilhados por-vidos?

O advogado Jair Kuschick constata a participação de José Lavre- chia no grupo.

## Os desaparecidos

Joel José de Carvalho - Nascido em Munaré (MG), irmão de Daniel, Operário gráfico, militante do PCB, depois do grupo Trilentes e VPR, OABAN, Bonadio jurou com o irmão para o Chile onde permaneceram até o golpe de setembro de 73. Fugiu para a Argentina.

Enrique Ernesto Ruggia - Argentino, na época com 18 anos. Estudante de Veterinária na Universidade de Buenos Aires. Apesar de ideias so- cialistas, não havia sido militante em nenhuma entidade do partido da época.

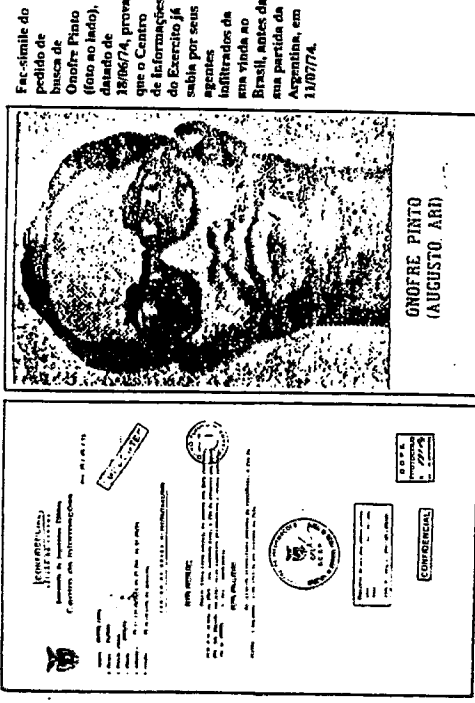
Observações: da lista que Lilian Ruggia conseguiu em conversa com o sargento Chaves, constam nomes de três irmãos, um tal Vizcar e Gilberio, irmãos de Lilian. Esses nomes não constam em nenhuma lista de desapa- recidos feita no Brasil. Há a hipótese de serem nomes falsos usados por Joel de Carvalho e Lavrechchia para entrar no Brasil, já que, segundo o depoimento de Idalvina Pinto, o grupo era formado por cinco pessoas.

Quero detalhar esse caso: as irmãs do Dops do Paraná, de Daniel e Joel de Carvalho, assim como de Onofre, contaram informações após a data de seu desaparecimento. Em todos os procedimentos então vivenciados no exterior. Com essas informações falsificadas na fi- chas. Mas por quê? Os órgãos de segurança poderiam ter a possibilidade de arquivar em "idos errados"? Ou não e os que regressaram também haviam regressado nem sempre comparilhados por-vidos?

O advogado Jair Kuschick constata a participação de José Lavre- chia no grupo.

# Sargento Albery: vida e morte da guerrilha

fb 05  
 J. P. P.



ONOFRE PINTO (AUGUSTO ARI)

recibidos de 1974. Nelic o agente afirma que o grupo era comandado por Onofre Pinto e foi vítima de uma cilada.

O ex-sargento conta que tomou conhecimento através de conversas informais com elementos do Centro de Informaçoes do Exército, de uma operação de infiltração descobrida pelo Exército em 1973, para matar Onofre Pinto. Tal operação, segundo o documento, teria como agente o ex-sargento Albery Vieira dos Santos, que no ocasião transitava entre os exilados no Chile e na Argentina. O plano consistia em convencer Onofre e outros exilados brasileiros, e retornar para o Brasil e retornar à luta armada. Para convencê-los, era oferecido um fictício campo de treinamento da guerrilha, organizado no regime de Foz do Iguaçu.

Além de Onofre Pinto, o despoisguilho encontra mais quatro pessoas, José Lavacca, Chela, os irmãos Daniel e Joel de Carvalho, Victor (a única estrangeira) e de que seria um primeiro contato com uma artilharia, Gilberto Faria de Lima (codinome Zorro), e um rapaz hispano-americano. Este último, diz Jair, pode ser Enrique Ernesto Ruggia. Na relação dos nomes, o advogado José Lavacca, segundo ele, há fontes seguras de que Lavacca continuou na Argentina, onde foi preso mais tarde.

Segundo Jair, no documento, Marival Chaves detém claro o que aconteceria com o grupo. Todos foram enviados, com exceção de Onofre Pinto, ao Exército. Conforme os termos empregados no documento, Onofre foi "cançado" para atuar como agente infiltrado do CIEX. Em troca teria sua vida poupada. O guerrilheiro teria aceito e pedido para ir até o Paraguai. Neste interim, o comando do CIEX foi consultado e determinou a sua eliminação. Para Marival, a eliminação foi decidida a partir da sua condição de ex-quadro do Exército. Uma espécie de exemplo para passíveis exceções na tropa. Onofre teria sido morto em Foz do Iguaçu.

De acordo com o documento que Marival escreveu, os corpos não estão no cemitério de Medianeira. A partir dessa informação, pode-se pensar que tenham sido "desovados" no Parque Na-

na morte de Onofre e seus companheiros.

Idalina Pinto, a desmentida. "Essa mulher dizia que ia montar um aparelho em São Paulo ou Rio. Para se ter uma idéia, nós chegamos a dar uma procuração para que meu cunhado vendesse um terreno aqui, para poder comprar um lote para a organização. Ela era a única pessoa que tinha contato com Onofre. E dizia que ia dar cobertura na volta ao Brasil".

Apesar de entender a importância do relato dos agentes, Jair Kruschke faz questão de indagar sobre a intenção do que, como Magalhães e Magalhães, resolveu relatar os acontecimentos em que estiveram envolvidos.

"Por que eles estão falando? Os grandes responsáveis por isso nunca falaram, só os da periferia da estrutura completa seu raciocínio nem tudo o que eles dizem pode ser verdade. Algumas pessoas que ele enumera como infiltrados, por exemplo, não o são, com certeza".

Sobre o que seria a tarefa de Onofre e seu grupo na vinda ao Brasil, Kruschke dá uma pista.

"Nos hotéis de Buenos Aires, localizados pela ONU e onde estavam alguns desses brasileiros do grupo, correu a informação de que eles teriam vindo com a intenção de matar o delegado Henry, arquiinimigo das organizações revolucionárias".

Ele defende a idéia lembrando o que Lilian Ruggia lhe relatou sobre o último encontro com o irmão. Lilian contou que Enrique havia prometido voltar em uma semana em 10 dias. E que ela procurava ler o jornal carioca "O Globo", durante aquele período, pois ele traria uma grande notícia. Kruschke supõe que tal notícia fosse a morte do então delegado.

Lilian - Desvendar parte do mistério que envolve o desaparecimento de seu irmão, foi o objetivo de Lilian. "Fizemos a denúncia no mês de dezembro do ano passado ao ministro da Justiça, Maurício Correa. Ainda não tive resposta, por que houve férias". Outra atitude que Lilian pretende tomar é visitar os arquivos do Dops do Paraná. Ela acredita que pode encontrar informações que ajudem a localizar onde seu irmão foi enterrado.

O passado de Albery é envolto em mistério. Tido como responsável pela queda de grande parte das bases de apoio à guerrilha de 1965 nas mãos da repressão, durante sua passagem pelo cárcere político, não conseguiu se integrar aos demais presos. Havia certa desconfiança quanto à sinceridade dele.

Em 1969 passou vários meses na galeria política do Prisão Provisória do Anil, em Curitiba. Dias antes de ser transferido para outra prisão, confidenciou a outro prisioneiro que iria fugir. Redia contatos fora para se juntar ao movimento armado contra a ditadura. Não conseguiu os contatos devido à desconfiança.

Foi transferido para o Rio de Janeiro, onde cumpria pena na Fortaleza de São João até 1973, quando foi libertado.

Dal foi juntar-se, mesmo em liberdade, aos exilados brasileiros que viviam no Chile. O curto espaço de tempo que esteve naquele país serviu para restabelecer contatos com antigos companheiros do Movimento Nacionalista Revolucionário (1965), já militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), composta quase que exclusivamente de ex-sargentos do Exército brasileiro. Nessa fase existia uma corrente, chamada militarista, que reunia militantes esquerdistas que pregavam a volta à luta armada no início da década de 70. Esse foi o abjeto político de Albery no exterior.

Palmar, atual secretário de Comunicação da Prefeitura de Foz do Iguaçu e, na época, um militante da VPR. Albery procurou desdespandamente aliciar exilados para recompor os planos de reorganização da sua armada.

Segundo conta Aluizio, o ex-sargento oferecia infraestrutura, contatos na fronteira do Brasil e Argentina para que o processo fosse retomado. "Conforme os seus planos, o corredor de entrada dos exilados ao Brasil seria feito por Foz de Obra, San Pedro e San Antonio, na fronteira seca".

Seu plano, no entanto, só foi acito pelo "grupo militarista" da VPR, que tinha como líder o também ex-sargento Onofre Pinto.

Tido como traidor por ex-companheiros, Onofre carregava a culpa de haver desdichado sobre as informações que o Cabo Anselmo seria um agente do regime. Por mais de um ano ele recusou a aceitar esse fato. Com isso, ajudou, que a organização fosse toda desmantelada.

Isolado, Onofre, Pinto tornou público, em 1973 um manifesto, o "Queim samba fêica, quem não samba vai embora", pregando o reinício da luta armada contra o regime militar brasileiro.

Os planos de Albery eram como uma luta para contatos e os corredores para o regresso ao país, eles tinham dinheiro, comenta Aluizio. "Esse dinheiro era parte dos dólares apropriados

grupo remanescente da VPR, que desconvém um trabalho político e não militar mais ao sul da Argentina, na fronteira com o Brasil".

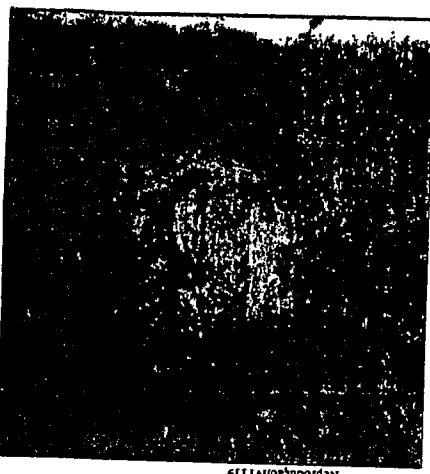
"Marcamos um ponto mas não compareci, diz Palmar. O motivo do rompimento do contato foi uma conversa animada que, casualmente havia assistido entre Onofre e Albery, na Calle Corrientes". Depois de uma breve conversação num bar, Onofre Albery revelou que estava retornando ao Brasil acompanhado de alguns militantes da VPR, inclusive um que estivera com ele no México.

Fora Albery, que tratava com o nome de Jair Soares de Lima, os demais foram trazidos na área coberta como tráfego de berruadas. Nessa região muitos desapareceram.

Aluizio tem uma opinião sobre o local onde aconteceu uma emboscada. Para ele, foi em Santo Antonio do Suldoeste, onde Albery diz ter muitos contatos e, inclusive, uma fachada de entrada para os que vieram da Argentina. Em sua conversa com Aluizio, Albery chegou a dizer que os traria pela Estrada do Colono, até Foz do Iguaçu, sem nenhuma perigo.

Isso é locura, disse a ele. Mas ele me transformou a esquema era "seguro".

Aluizio arrisca também um palpito para explicar os desaparecimentos e as mortes posteriores. "Isso com certeza foi



O sargento Albery encontrado a morte na trilha

A VPR - Em 1973 a VPR teve momentos difíceis porque passou a consistir nas suas fileiras a infiltração de agentes da repressão. O famoso agente duplo, Cabo Anselmo, havia destruído a estrutura da organização em várias localidades. A segurança dos militantes estava cada vez mais em risco.

No exílio, as divisões na organização cresciam. Em meados de 1973 a VPR foi exilada, numa reunião entre os dirigentes do que havia restado da organização.

E este clima que Albery vai encontrar na sua ida ao Chile. Segundo Aluizio

uma cilada. Armaram para todos ali. As afirmacões do sargento Chaves vem comprovar isso". Sobre a morte de Albery e seu irmão José Soares dos Santos, ele redefine seu pensamento.

"Na época eu pensei em crimes comuns, ligados essencialmente ao julgamento e à forma como Albery prometeu vingar a morte do irmão. Isso saiu inclusive no Nosso Tempo da época. Mas hoje eu penso que pode ter sido uma queima de arquivo dos órgãos de repressão. Todos, que por um motivo ou outro, tiveram contato com personagens desta história, foram mortos ou desapareceram da região".

## Breve histórico

Meu irmão, Vitor Carlos Ramos, nasceu em 18 de janeiro de 1944, (xerox da certidão de nascimento, em anexo). Após 1964, iniciou sua participação política ingressando em diversos quadros de esquerda. Em 1969, foi para o Uruguai, onde entrou ilegalmente, permaneceu nesse país juntamente com outros asilados brasileiros.

Do Uruguai foi para o Chile, onde ficou até a morte de Allende em 1973, durante essa permanência distúrbios o obrigaram a um tratamento psiquiátrico, que duraram alguns meses.

O golpe militar do Chile obrigou os refugiados buscarem asilo em outros países, Vitor seguiu com um grupo de brasileiros para a Argentina.

Na Argentina começou a sair da clandestinidade, tentando integrar-se à sociedade. Como tinha conhecimento na área de artes plásticas (escultura, desenho e gravura), conseguiu uma vaga para lecionar. Conheceu a argentina Suzana, com quem passou a viver, as vésperas de seu casamento sua noiva morreu num acidente (informaram que ela teria sido assassinada por participar de movimentos de esquerda argentinos), Suzana estava grávida quando morreu.

O próximo fato nos foi relatado pessoalmente por Dona Idalina, esposa do Onofre Pinto, com quem conversamos recentemente na sua casa em São Paulo (em anexo, xerox das declarações aos jornais) ela informa que Vitor Carlos Ramos (ou Silva, sobrenome materno, que as vezes ele usava) saiu da Argentina em 14 de julho de 1974 com um grupo formado por Onofre Pinto do qual faziam parte também, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, Enrique Ernesto Ruggia

As declarações de Dona Idalina são corroboradas pelas declarações do ex-sargento do exército Marival Dias Chaves, segundo eles, o grupo foi vítima de uma armadilha montada pelo DOI-CODI, que resultou na morte de todo o grupo, Onofre teria sido executado como exemplo, por ser ex-militar participante de movimento de esquerda.

Em anexo, publicações que fazem referencia aos fatos mencionados e onde aparece referencias ao Vitor.

Ho 06  
A. P. J.

# Exército eliminou líder guerrilheiro

■ Ex-agente revela que Onofre foi executado em 74 para servir de exemplo à tropa

JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE — O ex-sargento do Exército Marival Chaves Dias do Canto, que durante a ditadura serviu nos órgãos de repressão, revelou que o guerrilheiro Onofre Pinto, também ex-sargento e líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) desaparecido em 1974 e suspeito de traição, foi executado por ordem do Ceniro de Informações do Exército (CIE). Marival, que está escrevendo um livro sobre o episódio, confirmou que Onofre aceitou colaborar com os militares, mas foi eliminado para que sua morte mostrasse à tropa como seriam tratados os dissidentes.

Marival tem uma folha de 17 anos de serviços prestados à repressão: Operação Bandeirante (Oban), Doi-CODI do II Exército, Polícia do Exército, e novamente Doi-CODI. Ele especializou-se em análise operacional dos grupos de esquerda e conta que Onofre "realmente decidiu adentrar aos militares para não morrer, depois que ele e seu grupo foram presos em Medianeira, no Paraná, atraídos para uma armadilha montada pelo CIE e pelo batalhão do Exército de Foz do Iguaçu, mas logo depois a cúpula do CIE mandou que ele fosse executado".

No ano passado, em entrevista à revista *Ilya*, o ex-sargento Marival revelou que muitos dos 144 presos políticos tidos como desaparecidos durante a ditadura foram mortos nas câmaras de tortura e espartilhados. Os militares teriam enterrado os restos em diferentes locais, para que nunca fosse identificados.

A infiltração dos agentes da ditadura nos grupos de esquerda será um dos capítulos do livro de Marival, que relata um dos mais obscuros episódios dos anos de chumbo — o desaparecimento de Onofre Pinto e de mais quatro pessoas quando vinham clandestinamente da Argentina para o Brasil em julho de 1974.

**Captura** — No ano passado, documentos secretos do Dops gaúcho divulgados pelo **JORNAL DO BRASIL** revelaram que o Exército sabia da movimentação do grupo de Onofre, líder militar da VPR no



Marival revela trações em livro e conta como a direita se infiltrava nos grupos de esquerda



Onofre: CIE ordenou execução

posteriormente identificado como Ernesto Ruggia — foram atraídos a um sítio em Medianeira por outro membro do grupo, o também ex-sargento Albery Vieira dos Santos, que como Onofre é suspeito de ter traído seus companheiros da esquerda.

Ao confirmar que Albery estava mesmo infiltrado, o ex-sargento Marival disse que logo após a prisão do grupo, todos foram executados, com exceção de Albery e Onofre. "O Onofre resolveu aceitar a oferta de se infiltrar nos grupos de esquerda para não morrer. Mas logo depois a cúpula do CIE decidiu que fosse morto também, para servir de exemplo contra eventuais tentativas de traição nos meios militares", contou.

Marival não revela o nome do colega militar que lhe relatou todo o episódio, mas não sabe quem matou e onde exatamente foram enterrados os corpos dos guerrilheiros da VPR. Provavelmente eles foram sepultados no sítio de Medianeira. Há poucos dias, Marival confessou publicamente, pelo **TELEFÔNO**, o nome de sua irmã, Ernesta, a irmã de Ernesto Ruggia, a argenti-

na Lilia Ruggia, e confirmou as informações que já possuía. Lilia viveu um inferno de mais de 20 anos, por informações descontraídas de entidades de direitos humanos do Brasil e Argentina, que impediam a confirmação da morte do irmão em episódios de repressão política, agora confirmada. Lilia busca, agora, detalhes sobre a localização do sítio (distante 70 quilômetros de Foz do Iguaçu), na tentativa de encontrar os restos mortais do irmão.

A traição, ou não, de Onofre sempre foi polêmica na esquerda. A viúva e alguns ex-companheiros, como Pedro Lobo, rejeitam a possibilidade de traição, enquanto outros acreditam na infiltração — agora confirmada por Marival — por causa da demora de Onofre em denunciar a traição do cabo Anselmo — o principal agente infiltrado pela ditadura nos grupos guerrilheiros e responsável pela morte de dezenas de companheiros. Segundo Marival, Onofre aceitou trair para não ser morto no momento da prisão. Mas não sabe se isso foi uma ação por ter sido executado.

## Livro confirma que Jover traiu PC do B

do Doi-Codi, em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL** na qual responsabilizou o ex-dirigente do PC do B pelo massacre da Lapa. Jover foi localizado pelo JB vivendo com nome falso numa cidade próxima de Porto Alegre e negou veementemente ter sido traidor.

Marival disse que ficou sabendo do aliciamento de Jover, então membro da cúpula dirigente do PC do B, quando atuava no setor de análises operacionais do Doi-Codi do II Exército, em São Paulo. Jover tinha uma de suas bases de atuação no PC do B no Rio de Janeiro onde "foi preso e aliciado pelo pessoal do Doi-Codi". Ele foi um dos poucos dirigentes que escaparam do massacre da Lapa e escondeu-se no Rio de Janeiro, como admi-

ni. Negando sempre a traição, ele contou que fugiu depois para o Rio Grande do Sul, onde sob outro nome empregou-se numa indústria de armas.

**Ajuda** — Segundo o ex-sargento Marival, quando fugiu para o Rio de Janeiro, Jover estava sob controle do chefe de operações do Doi do Rio de Janeiro, que o ajudou na nova vida. Atualmente, Jover mora com uma irmã numa modesta casa de alvenaria numa cidade próxima à capital gaúcha. Ele nega a traição e prometeu escrever um livro sobre sua participação no partido — foi uma das principais lideranças e é autor de um livro sobre sindicalismo.

Outro caso confirmado de traição foi do casal Maria Madalena e Ernesta Ruggia, a irmã de Ernesto Ruggia, a argentina. Ela viveu um inferno de mais de 20 anos, por informações descontraídas de entidades de direitos humanos do Brasil e Argentina, que impediam a confirmação da morte do irmão em episódios de repressão política, agora confirmada. Ernesta busca, agora, detalhes sobre a localização do sítio (distante 70 quilômetros de Foz do Iguaçu), na tentativa de encontrar os restos mortais do irmão.

A traição, ou não, de Onofre sempre foi polêmica na esquerda. A viúva e alguns ex-companheiros, como Pedro Lobo, rejeitam a possibilidade de traição, enquanto outros acreditam na infiltração — agora confirmada por Marival — por causa da demora de Onofre em denunciar a traição do cabo Anselmo — o principal agente infiltrado pela ditadura nos grupos guerrilheiros e responsável pela morte de dezenas de companheiros. Segundo Marival, Onofre aceitou trair para não ser morto no momento da prisão. Mas não sabe se isso foi uma ação por ter sido executado.

## Livro confirma que Jover traiu PC do B

do Doi-Codi, em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL** na qual responsabilizou o ex-dirigente do PC do B pelo massacre da Lapa. Jover foi localizado pelo JB vivendo com nome falso numa cidade próxima de Porto Alegre e negou veementemente ter sido traidor.

Marival disse que ficou sabendo do aliciamento de Jover, então membro da cúpula dirigente do PC do B, quando atuava no setor de análises operacionais do Doi-Codi do II Exército, em São Paulo. Jover tinha uma de suas bases de atuação no PC do B no Rio de Janeiro onde "foi preso e aliciado pelo pessoal do Doi-Codi". Ele foi um dos poucos dirigentes que escaparam do massacre da Lapa e escondeu-se no Rio de Janeiro, como admi-

ni. Negando sempre a traição, ele contou que fugiu depois para o Rio Grande do Sul, onde sob outro nome empregou-se numa indústria de armas.

**Ajuda** — Segundo o ex-sargento Marival, quando fugiu para o Rio de Janeiro, Jover estava sob controle do chefe de operações do Doi do Rio de Janeiro, que o ajudou na nova vida. Atualmente, Jover mora com uma irmã numa modesta casa de alvenaria numa cidade próxima à capital gaúcha. Ele nega a traição e prometeu escrever um livro sobre sua participação no partido — foi uma das principais lideranças e é autor de um livro sobre sindicalismo.

Outro caso confirmado de traição foi do casal Maria Madalena e Ernesta Ruggia, a irmã de Ernesto Ruggia, a argentina. Ela viveu um inferno de mais de 20 anos, por informações descontraídas de entidades de direitos humanos do Brasil e Argentina, que impediam a confirmação da morte do irmão em episódios de repressão política, agora confirmada. Ernesta busca, agora, detalhes sobre a localização do sítio (distante 70 quilômetros de Foz do Iguaçu), na tentativa de encontrar os restos mortais do irmão.

A traição, ou não, de Onofre sempre foi polêmica na esquerda. A viúva e alguns ex-companheiros, como Pedro Lobo, rejeitam a possibilidade de traição, enquanto outros acreditam na infiltração — agora confirmada por Marival — por causa da demora de Onofre em denunciar a traição do cabo Anselmo — o principal agente infiltrado pela ditadura nos grupos guerrilheiros e responsável pela morte de dezenas de companheiros. Segundo Marival, Onofre aceitou trair para não ser morto no momento da prisão. Mas não sabe se isso foi uma ação por ter sido executado.







# Delegado Fleury seria assassinado por exilados

José Mitchell

PORTO ALEGRE — Circular do III Exército, datada de 22 de julho de 1974 e sem assinatura, pedia ao governo argentino a captura do líder nacional da YPR ( Vanguarda Popular Revolucionária). Onofre Pinto, é de Daniel José de Carvalho, ambos exilados naquele país. Segundo a circular, que integra o arquivado secreto do governador Alceu Collares, Onofre é Daniel viúva, ao Brasil para uma missão secreta; esguilstrar ou matar o então tenido e poderoso diretor do Dops paulista, delegado Sérgio Paranhos Fleury, além de um oficial do Exército.

Onofre e Daniel fazem parte de lista de 144 desaparecidos políticos brasileiros. Eles foram vistos pela última vez 11 dias antes da expedição da circular do III Exército, quando saíram com um grupo de seis pessoas do Hotel Burnes, em Buenos Aires, prontos para viajar para o Brasil. Já foram descobertos outros três documentos do Exército (todos anteriores a 11 de julho), comprovando que as atividades da YPR no exterior eram vigiadas.

O desaparecimento de Onofre é um dos maiores mistérios para seus colegas da YPR. O surgimento dos documentos do Exército levou sua mulher, Idalina Maria Pinto, a fazer um apelo para que a ajudem na localização do marido. Ela desconfiava do envolvimento de uma ex-integrante da YPR, conhecida como Ana Bastos, que mora em São Paulo e a quem Idalina acusa de traição. "Só pode ter sido esta Ana Bastos quem entregou Onofre às autoridades", acusa.

A missão de Onofre era desconhecida por Idalina, que não tinha envolvimento político. "Ana Bastos, é a personagem-

## Se Jango voltasse, seria preso

O presidente João Goulart estava "agonizando e tendente a voltar para regressar ao Brasil", segundo relatório de 19 de julho de 1976 do Centro de Informações do Exército, que foi encaminhado ontem entre os documentos recebidos pelos. O CIA acompanha no exterior a movimentação do presidente e de várias famílias e informa, sem dar maiores detalhes, que o advogado Wilson Mirza estava em negociações (possivelmente com o governo brasileiro) para o retorno de Jango ao país.

Segundo o relatório (elaborado seis meses antes da morte de João Goulart, a 6 de dezembro de 76), o jornalista Raúl Rylt, com licença especial da direção do JORNAL DO BRASIL, viajou dia 30 de junho para encontrar com João Goulart em Montevideo, de onde retornou no dia 2 de julho. O relatório diz que Rylt manteve dia 27 de junho reunião com Waldir Pires e Fernando Gaspariani para aceitar a volta de Jango ao Brasil, além de contato com Wilson Mirza. Rylt estava "cauteloso" quanto a este retorno,

## Um revolucionário polémico

Um revolucionário íntegro e corajoso foi um agente que passou a trabalhar como infiltrado nas organizações de esquerda? Dezito anos depois de ter sido no caminho da Argentina para o Brasil, o papel desempenhado por Onofre Pinto permaneceu uma incógnita. A mulher acusada pela viúva de Onofre, Idalina, como a pessoa que delatou a operação de retorno de Onofre ao Brasil, Ana Barreto Costa (e não Ana Bastos) vive em São Paulo, mas nega-se a falar.

O jornalista Luiz Alberto Sanz, que era da YPR, foi bardo e atualmente mora e trabalha no Rio, diz que têm razões para suspcitar de Onofre Pinto, que teria dado cobertura ao Cabo Anselmo — responsável pelo esquema de de-

Handwritten signature or initials.



Fleury: alvo da YPR

chave do mistério do desaparecimento de Onofre. Ela era o principal exilado do Onofre, o bombeiro-carreio que vivia e ia a São Paulo, onde era estudante de Filosofia da USP. Tentou de tudo mais nunca conseguiu esclarecer o sumiço do irmão marido, que saltou com destino ao Brasil no dia 11 de julho de 74. E esta Ana sanita depois da Anistia. Foi esta moça quem levou Onofre à morte", contou.

Os documentos do Exército, no meio dos arquivos secretos gouchos, fornecem os primeiros dados oficiais sobre Onofre, desde seu desaparecimento. Três documentos originários do Centro de Informações do Exército, um dos quais é uma circular, assinada pelo então chefe do Estado Maior do III Exército, General Mário Humberto Galvão Carneiro da Cunha, pedem a prisão de Onofre. Exilado, ele viria ao Brasil cumprir uma operação que "segundo convenças entre ele, mentos de grupos subversivos no Uruguai, é de muita importância."

limitando-se a ouvir o presidente, Goulart e Pires foram de opinião que, se Jango queria voltar de qualquer forma, devia ir para o Rio de Janeiro ou Porto Alegre. Chaparlan achava que o sistema militar estava dividido e que Jango deveria aproveitar a situação para retornar ao Brasil.

Melo, no final, o relatório é duro em relação a João Goulart, segundo a opinião do CIEP à rede da comunidade de informações: "Caso concretize sua volta, João Goulart deverá ser detido e encaminhado para a Polícia Federal para as providências de rotina para detidos quando seu retorno ao Brasil".

Exatamente o contrário da orientação do chefe do CIEP, General Campos, a 2 de abril de 76, sobre o retorno do cineasta Cláudio Rocha, em um dos seus documentos assinados: "Para delatamento emitida da Presidência da República, caso se concretize retorno de Cláudio Rocha ao Brasil, nenhuma restrição deverá ser imposta".

legio que alientou o regime militar na época contra a esquerda", quando este, já descoberto como traidor, esteve no Chile para encontrar-se com integrantes da YPR.

Pedro Lolto de Oliveira, que hoje mora em São José dos Campos (SP), acha que Onofre era um revolucionário firme, mas não escondo que faltava ao ativista condições intelectuais para dirigir a YPR no exterior. "Ele era de uma ingenuidade tremenda, não há crédito que tenha sido traidor. Para mim, Onofre foi morto pela ditadura." O vice-presidente de São Paulo, Luiz EdUARDO Greenhalgh, que trabalhou como advogado de ativistas políticos, defende Onofre. "Ele foi um revolucionário íntegro e, sem dúvida, foi morto pela repressão."

# Exército deu um sumiço em documentos, diz ex-sargento

*Marival Chaves revelou que o DOI-Codi de São Paulo matou guerrilheiros no Paraná*

O ex-sargento Marival Chaves disse ontem à Comissão Especial de Desaparecidos Políticos da Câmara que, antes da saída do general Sílvio Frota do Ministério do Exército, em 1977, muitos documentos relacionados com a repressão política foram destruídos para dificultar futuras investigações.

Chaves afirmou também que, em 1974, o Exército e o DOI-Codi de São Paulo mataram cinco militantes da luta

armada depois de atraí-los para uma armadilha no interior do Paraná. O grupo pensava que participaria de um núcleo de guerrilha em Medianeira (PR), mas na verdade era uma operação preparada pelos órgãos de repressão.

Além das novas informações que repassou aos deputados, o ex-sargento do Exército confirmou todas as declarações suas publicadas pela revista "Veja" desta semana.

O grupo de militantes supostamente mortos, na armadilha revelada por Chaves era liderado por Onofre Pinto, um ex-sargento do Exército.

Os outros quatro mortos eram Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavechia e Vítor Carlos

da Silva. Vítor não aparece nas listas de desaparecidos.

O chefe da suposta operação que terminou com a morte dos cinco guerrilheiros foi o coronel Paulo Malhões, do Exército. Chaves disse não saber onde estariam os corpos dos cinco guerrilheiros.

O delegado Nelson Guimarães determinou ontem a suspensão das buscas aos corpos de oito presos políticos que teriam desaparecido no rio Novo e na represa Jurumirim, em Avaré (SP). Guimarães afirmou que as buscas somente serão retomadas quando o ex-sargento Marival Chaves comparecer a Avaré para apontar os locais onde os corpos teriam sido atirados.

DIÁRIO POPULAR

20/11/92

PAG. 3

# Ex-sargento revela mais 5 assassinatos da repressão

**BRASÍLIA** — O ex-sargento do Exército Marival Dias Chaves revelou ontem os nomes de mais cinco presos políticos mortos por órgãos de repressão durante o regime militar. A revelação foi feita durante depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados que investiga o desaparecimento de presos políticos. O ex-sargento contou aos parlamentares detalhes da captura, interrogatório e morte de Onofre Pinto, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavechia e Vítor Carlos da Silva. Este último não estava sequer na lista de desaparecidos da comissão.

Com as novas revelações, subiu para 22 o número de assassinatos denunciados por Marival. Em seu depoimento, ele disse também que quando o general Sílvio Frota deixou o Ministério do Exército, exonerado pelo presidente Ernesto Geisel, determinou a destruição da maior parte dos documentos relativos à atividade de repressão exercida pela instituição.

As equipes de buscas que estão em Avaré procurando corpos de presos políticos que, segundo relato de Marival, teriam sido jogados no rio Jurumirim devem suspender as buscas.

Até o momento, nada foi encontrado e a equipe quer levar o ex-sargento para Avaré, na próxima semana, para que ele indique o local exato da destinação de cada um dos corpos.

O ministro da Justiça, Márcio Corrêa, descartou a possibilidade de abrir inquérito para apurar as denúncias feitas pelo ex-sargento Marival. Corrêa disse que esses crimes foram anistiados pela Constituição e o governo, segundo Corrêa, vai dar todo o apoio para identificar os desaparecidos e comprovar suas mortes, para que as famílias possam ser indenizadas pela União.



# Ex-sargento acusa Frota de ter destruído arquivos

BRASÍLIA — O ex-sargento Marival Chaves, que foi agente do Doi-Codi, disse ontem à Comissão de Desaparecidos Políticos da Câmara dos Deputados que os documentos sobre operações clandestinas executadas pelos órgãos de informação foram destruídos em 1977, quando foi demitido o então ministro Sílvio Frota. Frota teria ordenado a eliminação dos arquivos temendo que o governo Geisel promovesse uma devassa.

A denúncia de Chaves mostra que muitos detalhes do desaparecimento de presos políticos não virão à tona. Ele disse que entre os torturadores existia um pacto de silêncio para não contar quem matava, só quem morria. As operações eram setorizadas e os comandantes tinham autorização para matar.

Um dos casos mais polêmicos da história política recente do país foi tratado por Chaves. Ele revelou que o panfleto divulgado em 1980, com uma foto da mulher do então candidato a governador de Pernambuco, senador Marcos Freire, e o então deputado federal Fernando Lyra nus sobre a cama de um motel foi impresso na gráfica da Escola Nacional de Informações (Ensi), em Brasília. Os panfletos foram usados, dois anos depois, para derrubar a candidatura de Freire ao governo de Pernambuco em 1982.



Leopoldo Silva

Marival Chaves (à direita) depõe, tendo ao lado o deputado Nilmaro Miranda

Ao saber das declarações do sargento, Fernando Lyra não escondeu a indignação e disse:

— Todos esses fatos revelam a face nojenta dos regimes ditatoriais. Estes fatos fazem com que tenhamos a obrigação de enraizar cada vez mais o regime democrático, para que estas mazelas nunca mais aconteçam.

Chaves deu detalhes também sobre o desaparecimento de cinco ex-militantes da luta armada em 1974: Onofre Pinto, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavechia e Vítor Carlos da Silva. Os cinco teriam sido atraídos pelo ex-sargento Alberi Vieira, da Brigada

Militar do Rio Grande do Sul, que era um agente infiltrado, para uma armadilha na região de Medianeira (Paraná), onde funcionaria uma base de guerrilha. Já chega a 22 o número de presos mortos apontados por Chaves.

O ex-sargento deu informações ainda sobre o sumiço de dois outros militantes do PCB: Davi Capistrano e José Roman. Os dois saíram de Paso de Los Libres (Uruguai), estiveram em Uruguaiana (RS) num fusca e depois sumiram. Segundo Chaves, eles foram presos pelo Doi-Codi paulista e conduzidos pelo major Brand, do Ciex.

FOLHA DE SÃO PAULO  
20 / 11 / 92  
PAG. 4

## TORTURA

# Documentos da repressão desapareceram, diz ex-sargento

Da Sucursal de Brasília

O ex-sargento Marival Chaves disse ontem à Comissão Especial de Desaparecidos Políticos da Câmara que, antes da saída do general Sílvio Frota do Ministério do Exército, em 1977, muitos documentos relacionados com a repressão política foram destruídos para dificultar investigações.

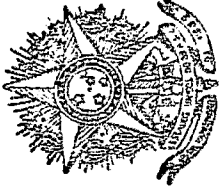
Chaves afirmou também que, em 1974, o Exército e o Doi-Codi de São Paulo mataram cinco militantes da luta armada depois de atraí-los para uma armadilha no interior do Paraná. O grupo pensava que participaria de um núcleo de guerrilha em Medianeira (PR), mas na verdade era uma operação preparada pelos órgãos de repressão.

O grupo de militantes supostamente mortos na armadilha revelada por Chaves era liderado por Onofre Pinto. Os outros quatro mortos eram Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavechia e Vítor Carlos da Silva.

De acordo com a versão de Chaves, Pinto foi atraído para a armadilha por Alberi Vieira, um ex-sargento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, que atuaria como agente duplo da repressão e dos grupos armados de esquerda.

REPUBLICA

Estados Unidos do Brasil



13 ad

Oficio do Registro Civil das Pessoas Naturais de SANTOS

1.º SUBDISTRITO  
COMARCA DE SANTOS — ESTADO DE SÃO PAULO  
Praça José Bonifácio, 4 — Telefone 3940

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

FRANCISCO FERREIRA CANTO

Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais

DR. JOSÉ AZEVEDO CANTO

Oficial - Sucessor

CERTIFICO que, no livro n.º 313 de assentamentos de nascimentos á folha n.º 1954

sob n.º 38748 está registrada no dia 25  
de Janeiro de 1944 uma criança do sexo masculino nascida  
no dia 18 de Janeiro de 1944, pelas duas  
horas minutos á Maternidade Beneficencia Portuguesa.

com o nome de VITOR CARLOS RAMOS  
filho de Felício Ramos e Santina Silva Ramos, brasileiros.

Avós paternos: Paulo Ramos e Antonia Vieira

Maternos: Antonio Santos Silva e Francisca Sales Silva.

VITÓRIA LARANJEIRA - 4.º 41113

RUA QUE DO DR. AZEVEDO, 18 - SANTOS

ASSINADO VENCEREMOS A LARANJA

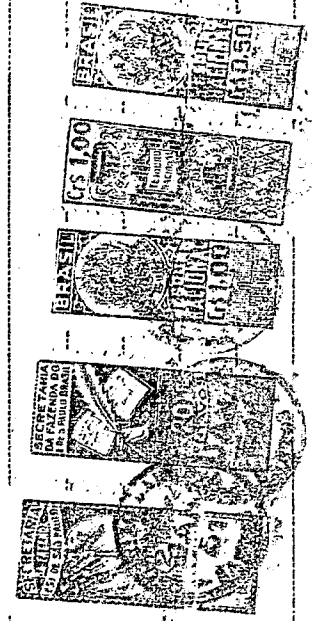
Obs: Obediência

Para mais informações

LEI DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

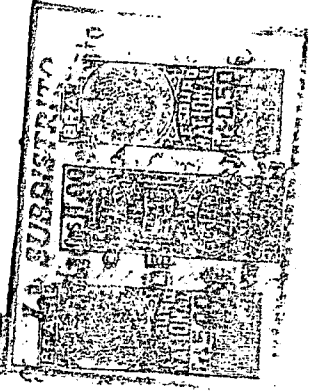
LEI DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

LEI DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



O referido é verdade e dou fé.

SANTOS, 30 de Setembro de 1950



O OFICIAL  
*[Handwritten Signature]*

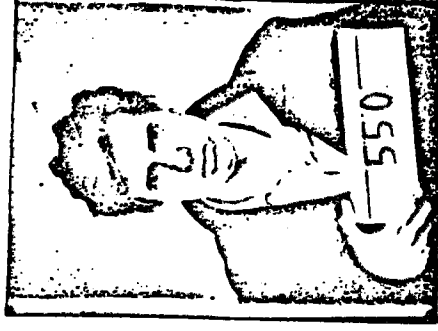
RECONHECER A TIPOGRAFIA NO  
TAMBÃO BRANCO  
R. JOSÉ BONIFÁCIO 292 - S. PAULO



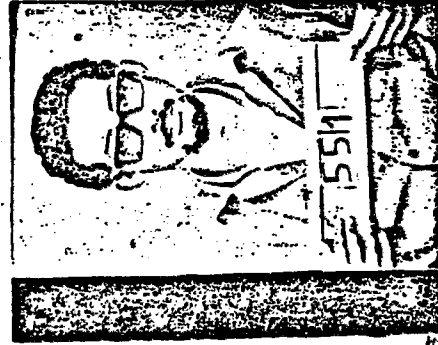
Nº 108



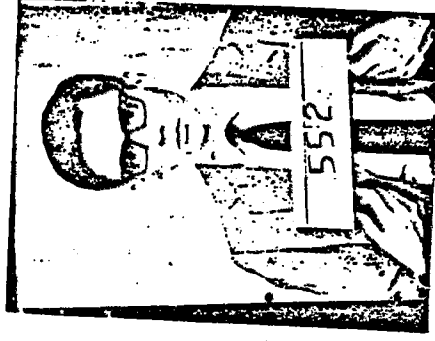
Nº 109



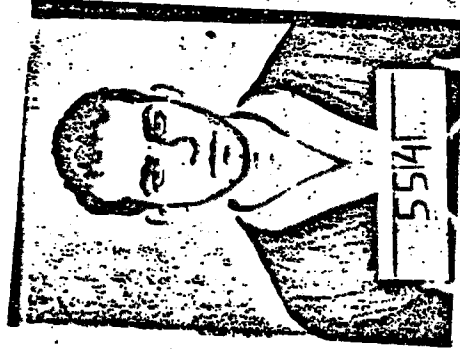
Nº 110



Nº 111



Nº 112



Arquivo Publico do Estado do Rio de Janeiro (Arquivo Cultural)

Nome: *felipe*

País: *BR*

Título: *2*

*PM*

*[Signature]*

Arquivo Publico do Estado do Rio de Janeiro

Arquivo Cultural

Arquivo Cultural

P. G. - 1004



## = DEPARTAMENTO DE ÓRDEM POLÍTICA E SOCIAL =

- 37 - JOSE RONALDO TAVARES DE LIRA E SILVA;  
 38 - LADISLAS DOWBOR;  
 39 - MANOEL DIAS DO NASCIMENTO;  
 40 - MARCOS ALBERTO MARTINI;  
 41 - MARCOS VINICIO FERNANDES DOS SANTOS;  
 42 - MARIA LUCIA DE CARVALHO GONÇALVES;  
 43 - MARISE FAHRI;  
 44 - MASSAFUMI YOSHINAGA;  
 45 - NELSON CHAVES DOS SANTOS;  
 46 - ONOFRE PINTO;  
 47 - OSMAR DE OLIVEIRA RODELIO FILHO;  
 48 - OTACILIO PEREIRA DA SILVA;  
 49 - OSVALDO ANTONIO DOS SANTOS;  
 50 - PAULO ULISSES MALA DANTAS;  
 51 - PEDRO CHAVES DOS SANTOS;  
 52 - PEDRO LOBO DE OLIVEIRA;  
 53 - PERCY SAMPAIO CAMARGO;  
 54 - PIO CHAVES DOS SANTOS;  
 55 - REMATA FERRAZ GUERRA DE ANDRADE;  
 56 - RICARDO ZARATINI FILHO;  
 57 - ROBERTO BRUNO;  
 58 - ROBERTO CARDOSO FERRAZ DO AMARAL;  
 59 - ROLANDO PRATI;  
 60 - RÔMULO AUGUSTO ROMERO FONTES;  
 61 - ROQUE APARECIDO DA SILVA;  
 62 - SIDNEY DE MIGUEL;  
 63 - VITOR CARLOS RAMOS;  
 64 - YOSHITANE FUJIMORI;  
 65 - WALDIR CARLOS SARAFU;  
 66 - WILSON COSTA;  
 67 - WILSON EGIDIO FAVA e  
 68 - ANTONIO PADUA PRADO JÚNIOR.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro  
 Divisão de Expediente e Programa Cultural  
 Contato com o original

Setor: *secreto*Pasta: *488*

Paulo Roberto de Almeida  
 Diretor de Expediente e Programa Cultural